

RESENHA

MEYER, Victor. *Determinações históricas da crise da economia soviética*. Salvador: EDUFBA, 1995. p.183.

Após um longo período de estudos voltados para a compreensão do pensamento marxista e do ideário socialista, Victor Meyer dispõe-se à tarefa de rediscutir as razões que levaram a economia soviética a desintegrar-se. Sem se desprender de suas convicções metodológicas apresentadas inicialmente, Meyer preocupa-se em analisar a experiência da União Soviética, um exemplo de economia planificada que não resistiu, a despeito de sua existência por mais de meio século, tendo como motivação maior, nas palavras do próprio autor, compreender sob quais condições pode então vigorar uma economia desse tipo.

No primeiro momento, em que trata das referências teóricas e metodológicas, Meyer apresenta uma proposta metodológica que reflete a sua preocupação com a produção de um trabalho de qualidade: buscando levantar as contradições da economia soviética com vistas a entender a crise final da URSS, o autor propõe-se a abordar os fatos históricos tendo como referência o presente. Retomando Marx (*Introdução à crítica da economia política*), Meyer confia que “os vestígios dos momentos desaparecidos, suas estruturas e relações, permanecem gravados na sociedade atual” (p.25). Essa opção por abordar o passado com os olhos do presente, permite-lhe começar a investigação, não simplesmente rememorando todo o passado, mas rastreando aspectos do passado para chegar a uma questão presente. Evidentemente, a escolha por tal abordagem não lhe garante, de antemão, êxito na investigação; faz-se necessário, feita essa opção, saber selecionar o que do presente lhe interessa e como chegar ao passado sem se perder nas diversas conjunturas. As referências metodológicas não se constituem, portanto, numa condição suficiente para o sucesso da análise, mas, sem dúvida, representam uma premissa de fundamental importância.

Em *Antecedentes: um capitalismo de estado sob o controle do partido comunista*, o segundo capítulo do livro, Meyer inicia seu estudo buscando, ainda nos primeiros momentos da recém-constituída economia soviética, levantar os obstáculos econômicos que se impunham. Nas suas palavras, “o desejado movimento em direção ao socialismo encontraria como principal obstáculo exatamente o elemento econômico então predominante — a pequena produção mercantil, que se colocava em posição de antagonismo frente a qualquer tentativa de ‘registro e controle’ da economia. (...) o êxito do ‘controle’ dependia do avanço da concentração industrial (...)” (p.43 e 44). Sobre uma base econômica dispersa, sem condições de realizar o ‘controle’ efetivo da economia, surgia a burocratização do Estado, que logo cedo se transformava em “uma estrutura posta fora do alcance de qualquer controle das bases sociais da Revolução de Outubro” (p.54).

No capítulo subsequente, o autor procura elucidar a evolução das relações de produção tanto na cidade quanto no campo nos anos 20. A questão que se colocava é sintetizada logo no início do capítulo: o Estado estabelecia uma proposta de estímulo ao capitalismo de Estado, uma forma econômica apenas predominante nas grandes cidades da URSS. Para tanto, tornava-se necessário promover mudanças na economia camponesa mantendo, ao mesmo tempo, uma aliança entre a cidade e o campo. Frente às dificuldades para uma mudança natural e pacífica no campo, “no final de 1929, os aparatos dominantes do Estado inclinaram-se afinal a favor de uma intervenção brusca sobre o campo” (p.71), abandonando-se, assim, a idéia de uma aliança operário-camponesa (uma aliança entre a cidade e o campo). Nas cidades, a indústria, que tinha um desenvolvimento anterior diferente da agricultura, mais concentrado e com maior participação do capital estrangeiro, suscitava outras questões. Entre essas, com significativa força, “desenrolou-se o debate sobre os pesos relativos a serem assumidos pelos setores de bens de consumo e de bens de produção” (p. 78), prevalecendo a posição que priorizava a indústria pesada. Enfim, em nome de uma necessária acumulação de capital, a burocracia estatal, de uma lado, implantou um sistema de transferências de renda, do campo

para a cidade, e, de outro, lutou por um aumento da mais-valia, através de “uma política salarial que condicionava os aumentos salariais a aumentos maiores na produtividade” (p.100).

Em *Uma regulação voluntarista (sujeita a uma restrição)*, partindo das teses sobre a acumulação socialista primitiva, originalmente desenvolvida por Preobrajenski, Meyer observa que o uso da coação extra-econômica não pode ser explicada apenas como decorrente do atraso econômico daquela sociedade. Defende, assim, a tese de que juntamente com a emergência da burocracia já mencionada anteriormente edificaram-se as bases da coação extra-econômica, que distanciavam a planificação dos interesses da própria sociedade. Para o autor, “as desproporções registradas na economia soviética (...) refletiam as características fundamentais do tipo específico de planificação praticada: a dissociação da planificação das suas determinações sociais, dada a separação entre os trabalhadores e o Estado, e o alheamento da burocracia frente às pressões exercidas pelo mercado” (p.145).

No capítulo conclusivo, Meyer apresenta a evolução da economia soviética no período posterior a Stalin, para mostrar que “uma dicotomia aos poucos iria se abrir, delineando apenas dois caminhos alternativos: ou a manutenção da planificação arbitrária como no passado, ou a introdução unilateral dos pesos e medidas de uma economia de mercado” (p.153). A lei do valor, precipitadamente abandonada e submetida a burocracia nos anos anteriores, aos poucos ascende, fortalecendo as leis de mercado e arrefecendo a coerção extra-econômica. Quanto à força dessa burocracia, Meyer esclarece a importância de sua presença, uma vez que, “no decorrer do processo de revolução, os trabalhadores não consolidaram, mas retrocederam e não reconquistaram seu lugar de força dirigente da economia” (p.160). Por fim, com relação à tese clássica do marxismo sobre o caráter internacional do socialismo, o autor relembra a idéia de que a economia socialista mundial deverá nascer de revoluções nacionais isoladas e, assim, o problema retorna às razões internas já discutidas pelas quais a tentativa soviética de planificação econômica não vingou.

Esta breve exposição das idéias basilares do livro de Meyer demonstra tratar-se de um estudo audacioso, em que novas hipóteses são levantadas, sempre com o apoio de dados e informações econômicas da URSS. A opção por uma análise dos determinantes históricos não significou deixar de lado a compreensão dos movimentos da economia, notadamente, a lei do valor, e essa conjunção entre história e economia é, certamente, um dos principais aspectos a explicar o sucesso da análise. Concorde-se ou não com as idéias de Meyer, *Determinações históricas da crise da economia soviética* constitui-se numa contribuição que deverá ser sempre considerada nas discussões sobre a degenerescência do socialismo conhecido no século XX.

Adelaide Motta de Lima
Economista, Mestre em Economia, doutoranda em Administração Pública no
NPGA/UFBA e Prof. Assistente do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia